



**Guia do Quarto de
S. Paulo da Cruz
na Casa Geral dos
Santos João e Paulo**

Lawrence Rywalt, CP

Congregação da Paixão de Jesus Cristo

**Guia do Quarto de
S. Paulo da Cruz
na Casa Geral dos
Santos João e Paulo**

Lawrence Rywalt, CP



Ano Santo 2025
No 250º aniversário
da morte de São Paulo da Cruz

Cum permissu:
PE. GIUSEPPE ADOBATI, CP
Superior Geral

1ª Edição dezembro de 2025

Paginação e design gráfico: ANDREA MARZOLLA
Tradução do Português: JOSÉ GREGÓRIO DUARTE VALENTE, CP

ÍNDICE

Introdução	5
I. NOTAS HISTÓRICAS	7
1. A Chegada de São Paulo da Cruz e dos Passionistas	7
2. O Quarto do Santo Fundador	13
II. VISITA AO QUARTO	17
1. O quarto onde morreu São Paulo da Cruz	17
A) A pintura com o trânsito de São Paulo da Cruz	17
B) O Crucifixo da Missão	18
C) A mesa	19
D) Vitrine das relíquias	20
E) O quadro do menino Jesus que dorme sobre a cruz	20
2. A Capela	23
A) A cadeira	23
B) O altar de São Paulo da Cruz	25
C) A Imagem de Nossa Senhora das Dores	25
CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE SÃO PAULO DA CRUZ	26

INTRODUÇÃO

São Paulo da Cruz, durante os últimos três anos da sua vida, transcorridos neste Quarto, certamente rezou muitas orações, entre as quais a celebração da Santa Missa, a recitação da Liturgia das Horas, do Santo Rosário e muitas outras orações devocionais. No entanto, entre elas, há uma que rezou de improviso enquanto ditava o seu Testamento neste Quarto, a 30 de agosto de 1775 [ver abaixo citações adicionais deste documento]:

“Sim, meu querido Jesus, espero, embora pecador, estar perto de ti e ver-te no paraíso, e no momento da minha morte dar-te um santo abraço para permanecer unido a ti para sempre, cantar eternamente as tuas misericórdias e recomendar-te a pobre Congregação, que é fruto da tua Cruz, fruto da tua Paixão, fruto da tua morte, rogando-te para que des a tua bênção a todos os religiosos e benfeitores desta Congregação.

Vós, ó Virgem Imaculada e Rainha dos Mártires, pelas dores que experimentastes na Paixão e Morte do vosso amado Filho, dai-nos a vossa bênção maternal, enquanto tudo coloco e deixo sob o manto da vossa proteção.”

Há 250 anos, desde que São Paulo da Cruz faleceu neste Quarto, a 18 de outubro de 1775, que inúmeras pessoas têm visitado e rezado neste local. Muitos sacerdotes, sobretudo Passionistas, celebraram a Santa Missa no altar onde o próprio Fundador celebrou a Eucaristia. Embora existam objetos neste Quarto que são antiguidades, dignos de serem considerados peças de um museu, este lugar não é um museu. É, acima de tudo, um “espaço sagrado” e um lugar de oração. Por isso, o propósito deste pequeno Guia é o de ajudar aqueles que visitam este espaço a sentir a presença de São Paulo da Cruz e a familiarizarem-se com a sua

vida extraordinária, concluída entre estas paredes. Além disso, esperamos que, ao estudar a vida de São Paulo da Cruz, o visitante compreenda e aprecie melhor o carisma da Congregação da Paixão por ele fundada.

Este Guia, assim como os outros que escrevi, foi um esforço colaborativo. Por isso, gostaria de agradecer aos meus companheiros Passionistas, Pp. Alessandro Foppoli, Rafael Blasco e José Gregório Duarte Valente, pela tradução deste texto, originalmente em inglês, para, respetivamente, italiano, espanhol e português. Gostaria também de agradecer à Dra. Eunice dos Santos, Arquivista Geral, pela sua inestimável assistência durante a minha investigação. Gostaria ainda de reconhecer o trabalho de Andrea Marzolla, que, com habilidade e paciência, realizou a formatação digital deste Guia. Por fim, gostaria de expressar a minha gratidão ao Superior Geral, Pe. Giuseppe Adobati, e ao seu Conselho, pelo incentivo e aprovação desta publicação.

Que aqueles que vierem visitar e rezar neste Quarto recebam a bênção de São Paulo da Cruz e guardem no coração a recordação da Paixão de Jesus Cristo e das Dores da Santíssima Virgem Maria: *“Deixovos e aguardo a todos no Paraíso, onde rezarei sempre pelo Soberano Pontífice, pela Igreja que tanto amo, por todos vós, por toda a Congregação, pelos seus benfeitores e por todas as pessoas por quem devo rezar. Deixo a todos, presentes, ausentes e futuros, a minha bênção: ‘A bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e convosco permaneça para sempre’” (Última Vontade e Testamento)*

Lawrence Rywalt, CP
Santos João e Paulo, Roma
18 de outubro de 2025



Retrato de São Paulo da Cruz, de Guido Francisi, ca. 1918.

I. NOTAS HISTÓRICAS

1. A Chegada de São Paulo da Cruz e dos Passionistas



Basílica dos Santos João e Paulo e o Convento adjacente, ca. 1860.

Uma parte do convento original que os Passionistas encontraram quando chegaram ao convento dos Santos João e Paulo, em Roma, em 1773, situa-se neste quarto utilizado por São Paulo da Cruz. Antes da chegada dos Passionistas, viveram aqui religiosos de vários Institutos e Congregações. Os últimos religiosos foram os Vicentinos (Congregação da Missão), que aqui residiram de 1697 a 1773. Numa época de turbulência política na Igreja, devido à supressão dos Jesuítas (Companhia de Jesus), o Papa Clemente XIV, admirador e amigo de

São Paulo da Cruz e dos Passionistas, propôs aos Vicentinos que abandonassem este local e se mudassem para o antigo noviciado dos Jesuítas e para a igreja de Santo André, no Monte Quirinale. A 7 de dezembro, após a saída dos Vicentinos, alguns Passionistas, de forma privada, tomaram posse do convento. Depois, na tarde de 9 de dezembro, sem qualquer divulgação, abandonam definitivamente o hospício do Santíssimo Crucifixo para tomar posse oficial do Convento e da Basílica dos Santos João e Paulo. Os 17 religiosos (12 sacerdotes e 5 irmãos) can-



Papa Clemente XIV.

taram o *Te Deum* diante do Santíssimo Sacramento, exposto solenemente na Basílica, e, depois de rezarem sobre o túmulo dos mártires, subiram ao Convento. Após cumprimentarem os poucos amigos presentes, os religiosos recitaram as vésperas e as completas. À meia-noite, levantaram-se para cantar matinas e laudes, rezando pelas necessidades da Igreja e, em particular, pelo seu grande benfeitor, o Papa Clemente XIV.

A 10 de dezembro, Paulo elaborou algumas regras para que a comunidade de Celimontana fosse *“um bom odor de Cristo em toda a parte, especialmente nesta nobre cidade, onde a santidade de vida, a modéstia, a exem-*

plaridade e toda a espécie de virtude devem brilhar mais do que em qualquer outro lugar, para que os religiosos sejam santos de corpo e espírito e retratos vivos de Jesus Crucificado, para maior glória de Deus”. No mesmo dia, envia uma carta circular a todos os Retiros da Congregação, convidando-os a agradecer a Deus o *«novo e grande benefício concedido à Congregação»* [...], e uma carta de agradecimento ao Papa pela aprovação da Congregação como pessoa jurídica e por lhe ter dado em Roma *“uma igreja, uma casa e um lugar adequados para servir Sua Infinita Majestade em santidade e justiça todos os nossos dias e contemplar com afeto as amargas dores do Crucifixo para imitar em nós as virtudes de tão Divino Exemplar”*.

Inicialmente, os religiosos Passionistas tinham os quartos na ala junto à entrada principal (atualmente a secção “Garbatella” dos quartos de hóspedes). Além disso, ao longo do corredor que conduz ao atual refeitório da comunidade, existiam algumas divisões, incluindo a cozinha e o refeitório (atual refeitório dos retiros). No terceiro andar não havia quartos. O coro comunitário encontrava-se na fachada da Basílica, por cima do pórtico da entrada principal (atualmente o museu da postulação geral), e localizava-se no final deste corredor. A comunidade sugeriu que o Fundador residisse nesta divisão (onde acabou por falecer) porque já não conseguia andar e teria dificuldade em subir as escadas até à zona onde se encontravam os quartos dos religiosos. Além disso, como recebia muitas visitas (devido à clausura, as mulheres não podiam entrar no convento), esta posição era mais confortá-



Papa Pio VI.

vel e menos incómoda para o resto da comunidade.

O primeiro superior da comunidade, constituída na altura por trinta e quatro religiosos, foi o P. Giuseppe Giacinto Ruberi (1729-1802). Uma comunidade tão numerosa e seleta podia executar com dignidade o serviço litúrgico na Basílica, os ministérios na cidade e, especialmente, nos terrenos envolventes, que começavam no Célio e se estendiam até à Marema, que chegava ao mar. Para além disso, também conseguiam cuidar bem o jardim e acolher com dignidade as pessoas que vinham fazer os exercícios espirituais, confessarem-se ou buscar aconselhamento espiritual.

Paulo queria que “no novo convento se vivesse uma rigorosa observância e se praticasse com grande fervor as virtudes. E para que os religiosos do novo convento servissem o Divino Pai com verdadeiro espírito de virtude e santidade, exortava vigorosamente a todos de conservarem inviolavelmente a santa paz e a caridade fraterna, e de se dedicarem à santa perfeição”.

Estando praticamente limitado ao quarto devido aos seus problemas de saúde, Paulo chamava, ora toda a comunidade, ora alguns estudantes, dando-lhes “adequadas recomendações para que se tornassem todos homens de oração e verdadeiros servos de Deus”. Entretanto, a saúde de um dos membros mais antigos da comunidade, P. Marcaurelio, ia-se agravando. Um dia, o fundador pediu para que o levassem ao quarto do doente: “Encorajaram-se um ao outro a suportar o sofrimento, consolaram-se com santos colóquios e despediram-se em lágrimas, certos de que não se iriam voltar a ver em vida”. De facto, o P. Marcaurelio Pastorelli morreu santamente a 16 de março de 1774.

A 26 de junho, festa dos Santos João e Paulo, titulares da Basílica, o Papa quis fazer uma visita a Paulo da Cruz. Subindo ao convento, numa sala especial, permitiu que lhe “beijassem os pés, não só os religiosos, mas também muitos eclesiásticos seculares que se encontravam na sala”. Passou algum tempo a sós com Paulo. O tempo que o Pontífice dedicou a Paulo e à sua pobre Congregação gerou neles uma grande e intensa alegria que, cerca de dois meses depois, se viria a converter em grande desolação com a morte do

Papa Clemente XIV, a 21 de setembro. Em virtude deste acontecimento, mandou que se celebrasse em todos os conventos sufrágios solenes por aquele que estabelecera firmemente a Congregação na Igreja e lhe proporcionara uma digna residência em Roma.

Após 4 meses de conclave, a 15 de fevereiro de 1775, é eleito o Papa Pio VI. Não conhecendo pessoalmente Paulo, a 5 de março o novo Pontífice visitou a Basílica dos Santos João e Paulo, onde decorriam as 40 horas. Na sacristia admitiu “ao beijo dos santos pés todos os religiosos, para grande consolação deles” e quis subir até ao quarto onde se encontrava o fundador, que o acolheu com profunda comoção. Ao despedir-se, o Papa deu-lhe um “afetuoso beijo na fronte, com a sua bênção apostólica e com uma grande consolação espiritual por ter tido a sorte de, no espaço de aproximadamente oito meses, receber a visita de dois Sumos Pontífices”.

Quanto caminho, desde setembro de 1721, quando, como desconhecido, foi parado à porta do palácio papal, Paulo teve de percorrer, apesar de levar no coração a certeza daquela obra. Agora, a Congregação era uma realidade na Igreja e, com a sua visita, o Papa abençoava-a e honrava-a! Podemos compreender a alegria dos religiosos através das palavras de Frei Bartolomeu: “Quis a Divina Providência que, em tão pouco tempo que estamos nesta casa, fossemos visitados por dois Pontífices; é um sinal bem claro de que o Senhor quer proteger esta pobre Congregação em tempos tão conturbados para as Religiões.”

(Cf. Storia dei Passionisti, vol. I, Fabiano Giorgini, pp. 195-199).

Paulo da Cruz morreu neste quarto a 18 de outubro de 1775. Após a sua morte, o Superior Geral que lhe sucedeu, P. Giovanni Battista Gorresio (1734-1801), escreveu uma carta circular a todos os religiosos para lhes informar do seu falecimento. De seguida apresentamos alguns excertos da carta:

“É do conhecimento de todos que, durante os últimos cinco anos, o mesmo Padre, estando sempre indisposto, no dia dos Santos João e Paulo, padroeiros desta Basílica (26 de junho), começou a sofrer certas falhas e espasmos da barriga... que lhe dificultavam a recuperação pela insuficiência alimentar (...) Devido à grave indisposição, e não conseguindo celebrar a Santa Missa, pedia para que um religioso a celebrasse todas as manhãs na capela contígua, comungando devotamente. Com o agravamento da sua situação de saúde, no dia 30 de agosto do mesmo ano, quis receber solenemente a comunhão como viático, com a participação de toda a comunidade, com o toque prévio dos



Detalhe do relicário de São Paulo da Cruz
(Basílica dos Santos João e Paulo).

sinos. Reunidos todos os religiosos no seu quarto, recitou a profissão de fé antes de receber a Santa Comunhão com grande fervor de espírito, e, depois deixou a todos os religiosos presentes, ausentes e futuros as seguintes recordações como seu último testamento (...).

À medida que se aproximava cada vez mais do seu abençoado fim, o Senhor assentia refiná-lo e purificá-lo "*tamquam aurum in fornace*" (como ouro numa fornalha), para além de que não conseguia ingerir algum tipo de alimento, nem tão pouco saciar-se de água como desejaria, devido à pressão que sentia. A isto se juntava a perda da voz e, ainda mais, um reumatismo generalizado que o acompanhou ao longo de toda a vida, uma dor ciática, perda de dentes e dores de decúbito, comunicando com gestos. O seu corpo não esteve livre de dores, nem mesmo num intervalo de quatro dedos; por isso, quando interrogado sobre como se sentia, respondia com um sinal de que estava cheio de dores e, algumas vezes, dizia que se sentia como se estivesse a morrer e que a sua alma se desprenderia a qualquer momento; no entanto, apesar das inúmeras dores, permanecia resignado, sereno, constante e completamente abandonado à vontade divina; assim, quando o P. Giovanni Maria (Cioni) de Santo Inácio lhe disse que Jesus queria que ele morresse crucificado à sua semelhança, fez-lhe um sinal de que estava muito contente com o que agradava a Deus (...).

Na manhã de 18 de outubro, dia do glorioso Evangelista São Lucas, de quem era muito devoto, quis receber



Frei Bartolomeo Calderoni.

a comunhão como viático pela última vez. Antes do meio-dia, passou o tempo como de costume e, pouco depois do meio-dia, recebeu uma agradável visita, a de Monsenhor Struzzieri... A visita, na esperança de ter um tempo mais cómodo para estar com o seu antigo Pai, foi breve. Enquanto tomava um pequeno refresco, foi notificado de que o P. Paulo estava prestes a partir para o Céu.

E assim aconteceu. Sentindo inesperadamente um grande frio, disse ao Irmão Bartolomeu: está próxima a minha passagem. Chame o P. Giovanni Maria para que encomende a minha alma. Entretanto, o enfermeiro, apercebendo-se do agravamento das convulsões, chamou toda a comunidade religiosa e deu-se início à encomendação da alma. Todos os religiosos estavam de joelhos e rezavam fervorosamente em círculo pelo Padre moribundo, juntamente com alguns eclesiásticos, que faziam os exercícios

espirituais, e o Sr. António Frattini, Mestre da Casa de Sua Santidade, insigne benfeitor e Procurador do convento, com o seu filho mais velho, Vincenzo. Enquanto lhe encomendavam a alma, Paulo estava com os olhos fixos no Santíssimo Crucifixo e na Imagem de Nossa Senhora da Dores, sabendo-se claramente que possuía todas as faculdades, exceto a da voz, que, como se disse, lhe faltava (...).

Quando ainda conseguia falar, recomendava humildemente que o deixassem morrer no colchão de palha vestido com o santo hábito e com uma corda ao pescoço, desejando morrer como um pobre pecador arrependido. Assim, vestiram-lhe o santo hábito, sentindo uma particular consolação, como também quando lhe puseram a corda no pescoço.

Antes de expirar, disse-lhe Monseñor Struzziari: desde o Paraíso recor-

de-se da Congregação e de todos os seus filhos; e ele acenou-lhe afirmativamente, com um particular fervor de espírito. Aproximadamente um quarto de hora antes de expirar, fechou os olhos e colocou-se como num leve sono, e num tal estado doce e sereno - *obdormivit in Domino* - passou a melhor vida - *in osculo Domini* - cerca das 22.30 horas do mesmo dia 18 de outubro de 1775, dia dedicado ao glorioso Evangelista São Lucas.

O corpo foi deixado no seu quarto em cima de uma mesa com os tijolos sob a cabeça, com o crucifixo nas mãos, a cabeça aspergida com cinzas e a estola ao pescoço, de acordo com as Santas Regras. Até à manhã seguinte foi guardado pelos Religiosos, que recitaram Salmos e outras orações por aquela alma bendita. Na manhã do dia 19 de outubro, por volta das 12 horas, foi levado em procissão para a igreja...".



Morte de São Paulo da Cruz (Basílica dos Santos João e Paulo).

2. O Quarto do Santo Fundador



Quarto transformado em capela, 1918.

Este “Quarto” onde São Paulo da Cruz viveu durante os últimos três anos da sua vida e morreu, é, na realidade composto por duas divisões: uma que, servia de quarto para dormir e a outra que servia de pequena capela onde celebrava a Eucaristia. Desde 18 de outubro de 1775, data em que morreu o nosso santo Fundador, este quarto foi cuidadosamente conservado, juntamente com alguns objetos que lhe pertenciam. Enquanto se aguardava a conclusão da causa de beatificação (1 de maio de 1853), várias relíquias de São Paulo da Cruz foram expostas à piedade e à devoção dos nossos religiosos e dos vários fiéis que visitavam este lugar. No início de 1853, certos da eminente beatificação, os superiores apressaram-se a reestruturar este lugar, colocando nele todos os objetos associados ao Fundador durante o último período da sua vida.

O Cardeal Luigi Lambruschini (1776-1854) ofereceu metade da quantia necessária para a obra: 300 escudos. Ele próprio, no dia 3 de maio, dois dias após a beatificação, quis ser o primeiro, com especial privilégio, a celebrar a Eucaristia no altar daquele quarto, consagrado horas antes pelo bispo Passionista, Giuseppe Molaioni (1780-1859). A descrição dos trabalhos efetuados consta na crónica desta comunidade, na qual se lê: “o quarto do Beato” foi disposto na mais bela e vaga forma: um altar erguido no quarto onde morreu o Beato, e de onde se vê um quadro do trânsito do próprio Beato, pintado pelo (...) Sr. Gregori; nas laterais do mesmo, em duas prateleiras de desenho gótico, veem-se os objetos que o Beato usou

durante a sua vida; também se vê uma imagem devota do Santíssimo Crucifixo, que se diz ter sido usada pelo Beato nas santas missões, exposta num estojó especial em frente do altar; a capela adjacente, onde o Beato celebrava, conserva-se tal como era naquele tempo, ou seja, existe o mesmo altar que servia o Beato com todos os ornamentos originais daquele tempo: somente algumas coisas ornamentais e úteis foram acrescentadas à dita capela.”

Esta disposição manteve-se quase inalterada durante 64 anos. Apenas o quadro de Gregori, depois de algumas décadas, foi substituído por aquele que se mantém até aos dias de hoje, no qual se vê retratado o Santo no leito de morte. A Cúria Geral, aquando da Consulta no dia 14 de fevereiro de 1918, examinou a proposta para efetuar algumas modificações significativas, dado que, “depois de tantos anos de uso, se encontra num estado tão precário que prejudica a devoção e desencoraja os visitantes”. Entre outras coisas, foi decidido pintar as paredes com cor de damasco, dourar o teto e pavimentar o chão com mármore, tendo em conta que “quase todos os quartos dos Santos que se veneram na Cidade Eterna, são sumptuosamente decorados”. (*Livro das Consultas*, anos 1914-1925, p.149). Os trabalhos assumidos terminaram antes da festa do Santo, a 18 de abril de 1918.

De 1918 a 1967 o quarto manteve-se praticamente intacto. No entanto, em 1967, ano do centenário da canonização do Fundador, muitos visitantes, incluindo personalidades emi-

nentes, propuseram remodelar todo o ambiente para que, pelo menos, os visitantes pudessem compreender qual era o seu aspeto original. Em particular, o revestimento das paredes, cor de damasco, estava deteriorado, descolorado e com algumas fissuras em determinados pontos das paredes. Deste modo, gradualmente, os superiores chegavam à conclusão da necessidade de uma reestruturação geral e profunda do quarto, devolvendo-o, na medida do possível, ao estado em que se encontrava aquando da morte do Santo.

Durante a Consulta de 1 de junho de 1967, foi elaborado e aprovado um plano de reestruturação. A obra, iniciada em agosto, exigiu vários meses de trabalho atento e cuidado. A 18 de outubro, quando os trabalhos de reestruturação foram concluídos, foi possível celebrar a Eucaristia e rezar naquele quarto, novamente recuperado. A obra de reestruturação envolveu as seguintes partes: retiraram das paredes o papel cor de damasco e outros objetos ou decorações. O teto de madeira voltou à sua simplicidade original, eliminando todos os ornamentos e decorações coloridas que tinham sido colocadas. Remoção do piso de mármore, recuperando a tijoleira existente de barro vermelho. O altar presente no quarto foi removido, dando lugar a um novo de ferro e cobre. O grande crucifixo de gesso, que o Santo utilizava quando pregava as missões, foi restaurado e colocado na parede por cima do altar. Os dois grandes relicários com as relíquias do Santo, anteriormente colocados nas paredes do altar foram removidos e substituídos por um relicário independente. A por-

ta e o umbral foram limpos de todas as decorações, recuperando o seu aspeto original. Enquanto o quarto do nosso Santo Pai sofreu muitas alterações e reestruturações, a capela adjacente, onde normalmente celebrava a Eucaristia, permaneceu intata, mesmo durante a reestruturação de 1967. (*Acta Congregationis*, janeiro de 1967).



Máscara mortuária do fundador, criada pelo artista Gian Domenico Porta.

Em 2017, cinquenta anos após o último restauro do quarto, o Superior Geral, P. Joachim Rego, e o seu Conselho, perceberam que este espaço sagrado da Congregação necessitava de um novo restauro. Nomeou para o efeito uma comissão composta por um Conselheiro Geral e alguns religiosos da comunidade local dos Santos João e Paulo para organizarem a obra de reestruturação, juntamente com a orientação de uma equipa de restau-

ro profissional. Depois de analisar as propostas de vários especialistas, foi estudada e aprovada uma proposta final. O restauro consistiu nas seguintes modificações: restauro da tijoleira; repintura das paredes, utilizando cor do séc. XVIII; limpeza e restauro do teto de madeira e da porta de entrada; substituição das janelas; instalação de iluminação de tipo museológica; restauro do pequeno altar de madeira

onde São Paulo celebrava a Eucaristia e do quadro de Nossa Senhora das Dores em cima do altar. Foram ainda restauradas a cadeira do Fundador e o crucifixo usado durante as missões. Por fim, foi ainda colocado um armário para os objetos utilizados pelo Fundador durante os seus últimos anos de vida neste quarto e encomendado um novo altar para que grupos numerosos pudessem celebrar a Eucaristia.



Quarto de São Paulo da Cruz, 1967.

II. VISITA AO QUARTO

1. O quarto onde morreu São Paulo da Cruz

A) A pintura com o trânsito de São Paulo da Cruz

Na altura da reestruturação de 1967, foi encomendado um grande quadro a óleo que retrata alguns pormenores da morte do Fundador. Paulo é retratado no seu leito de morte com o olhar fixo no céu. À sua volta encontram-se reunidos vários religiosos e o bispo Passionista Tommaso Struzzieri (1706-1780), com quem tinha uma relação muito próxima. O Fundador é representado com uma corda ao pescoço (original exposta na vitrine), que era utilizada nas missões públicas como sinal de penitência. No séc. XVIII, em Itália, objetos como correntes e cordas eram utilizadas ao pescoço durante as pregações das missões ou durante as procissões penitenciais como forma de penitência pública. Depois da sua morte, P. Giovanni Battista Gorresio, segundo Superior Geral da Congregação, escreveu uma carta circular aos Passionistas para lhes informar

da morte de Paulo da Cruz (ver em cima). Como estava presente quando Paulo morreu, incluiu este pormenor: “Quando ainda conseguia falar, recomendava humildemente que o deixassem morrer no colchão de palha vestido com o santo hábito e com uma corda ao pescoço, desejando



Quadro que retrata a morte de São Paulo da Cruz.

morrer como um pobre pecador arrependido. Assim, vestiram-lhe o santo hábito, sentindo uma particular consolação, como também quando lhe puseram a corda no pescoço.”

O artista utilizou ainda a sua imaginação para acrescentar alguns elementos que caracterizassem o paraíso. Neste detalhe estão presentes: (da esquerda para a direita) São Paulo, Apóstolo, padroeiro de Paulo da Cruz; Jesus; a Virgem Maria e o P. Giovanni Battista Danei, amado irmão do Fundador que o precedeu na morte (+1765).



B) O Crucifixo da Missão

Este é o Crucifixo que São Paulo utilizou quando pregou uma missão na Basílica de Santa Maria em Trastevere, aqui em Roma. Foi a última missão que pregou, 6 anos antes da sua mor-

te (uma grande pintura a retratar este momento encontra-se no refeitório da comunidade dos Santos João e Paulo). Corria o ano 1769 e Paulo encontrava-se no auge das conversações com a Santa Sé para a aprovação definitiva da Regra durante a sua vida. Acabava de ser eleito um novo Papa, Clemente XIV, e Paulo tinha ido a Roma para lhe apresentar a petição, solicitando a aprovação da Regra. Enquanto se examinava a Regra, o Cardeal Vigário de Roma, Marcantonio Colonna (+1793), pediu a Paulo para pregar uma missão na cidade, no âmbito da celebração do Jubileu da eleição do novo Papa. Paulo era já avançado na idade (75 anos) e reconhecia abertamente que já não possuía a força física da sua juventude. Consequentemente, Paulo justificou-se, dizendo que não estava em boas condições de saúde e, para além disso, era surdo. O cardeal respondeu-lhe: “Basta que aqueles que o oiçam não sejam surdos. Sinto que tem uma boa voz.”

Todavia, poucos dias antes de iniciar a missão, Paulo adoeceu com febre alta e vômitos. Sabendo do sucedido, o Papa Clemente mandou o seu médico pessoal para o tratar. Paulo ficou profundamente comovido com a bondade do Papa e exclamou que ele, que “era o mais pequeno dos filhos da Igreja”, não era digno de tanto cuidado. A missão iniciou sem ele, mas, antes três dias da sua conclusão, Paulo sentiu-se melhor e, a 17 de setembro, foi até à igreja para a pregação.

O P. Giovanni Maria Cioni e São Vicente Maria Strambi fornecem alguns detalhes sobre o momento. Paulo estava de tal modo debilitado que ne-

cessitava de ajuda para subir ao púlpito, onde permaneceu em pé, apoiado ao seu bastão, com os pés descalços e com a cabeça descoberta. Começou a pregar com grande fervor e voz enérgica, como se não tivesse algum problema. O povo, incluindo o clero, a nobreza e a gente comum, não podia acreditar naquilo que estava a ouvir. Pregava com intensidade e “santa liberdade apostólica”. Muitos dos que o ouviram, declararam publicamente a sua intenção de mudar de vida e de se entregarem completamente a Deus.

No dia 21 de setembro, último dia da missão, a multidão era tão numerosa que, para além da igreja, também a praça em frente estava cheia, com mais de duas mil pessoas. De facto, eram tantas as pessoas que o reitor da Basílica, temendo que a situação se tornasse incontrolável, pediu que fossem enviados soldados para controlar a situação.

Esta foi a coroação de mais de cinquenta anos de atividade apostólica de Paulo. Aqui em Roma, o lugar onde os seus sonhos se realizavam, foi recebido com grande entusiasmo e a sua pregação foi uma fonte de grandes benefícios espirituais. Numa carta datada a 27 de setembro, poucos dias depois da conclusão da missão, Paulo escreveu ao P. Giovanni Battista Gorresio, expressando os seus pensamentos sobre o acontecimento: “Também eu terminei a missão no dia de São Mateus, e houve sempre uma grande afluência de pessoas de todas as classes, cônegos, prelados, nobres e pessoas comuns de todos os tipos, padres e religiosos em grande número; e até este pobre velho, acabado e

ignorante foi ouvido de boa vontade por todos e acolhido com frutos: *Benedictus Deus.*”

C) A mesa

Entrando no quarto, no lado direito, encontra-se uma pequena mesa de madeira muito simples. É um dos poucos móveis que se encontravam neste quarto na época do Fundador. A confirmar este facto, está um pequeno bilhete, escrito à mão, fixado na mesa. Nele se lê: “São Paulo da Cruz apoiava-se nesta mesa enquanto recitava o Ofício Divino e meditava na Santíssima Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

Durante os processos de canonização de Paulo, Don Giuseppe Vigna afirmou que, “na cama, perto da cabeceira, mesmo junto do rosto, estava um pequeno crucifixo de bronze que, quando estava de pé, mantinha



os olhos fixos na mesa à sua frente... agora pegava o pequeno crucifixo de bronze na mão e chorava copiosamente de amor por Ele, *propter nimiam charitatem suam, qua dilexit nos (pelo imenso amor com que nos amou)* Ef 2,4 (*Processos*, Vol. III, 1437v, p. 429).

D) Vitrine das relíquias

No canto do quarto, junto ao altar, encontra-se uma vitrine com vários objetos que São Paulo da Cruz usou quando viveu aqui. Existem pequenas placas identificativas de cada objeto.

Primeira prateleira: óculos; crucifixo que segurava na mão; uma pequena medalha com a imagem da Virgem Maria.

Segunda prateleira: Livros para a leitura espiritual; um “escudo” (emblema Passionista) que utilizava; o seu rosário pessoal.

Terceira prateleira: pequenos recipientes para a água e para o vinho (ampolas) que usava para celebrar a Eucaristia; um relógio de bolso; a pia de água benta.

Prateleira inferior: Missal de altar para a Eucaristia; corda penitencial colocada ao pescoço enquanto morria.

E) O quadro do Menino Jesus que dorme sobre a cruz

São Paulo da Cruz conservou esta pintura consigo durante mais de 25 anos. Primeiro no seu quarto no convento de Vetralla (Itália) e depois, de 1773 até à sua morte, em 1775, neste quarto. No entanto, o tema do Menino Jesus adormecido na cruz, é anterior a São Paulo. As tradições iconográficas orientais e ocidentais ligavam frequen-

temente o nascimento de Jesus à sua morte redentora. Por isso, até à Idade Média, era bastante comum encontrar na iconografia sacra representações do Menino Jesus a olhar para os instrumentos da Paixão ou, mais comumente, adormecido na cruz. No entanto, na época de São Paulo da Cruz, o tema era invulgar e a devoção a esta imagem do Menino Jesus deitado na cruz era pouco conhecida, sobretudo nos séculos XVII e XVIII (século de Paulo). Como é que Paulo possuía esta pintura?

Durante a direção espiritual e nas suas cartas, o nosso Fundador encorajava e orientava as pessoas a meditar e a viver em íntima união com a Encarnação e a Paixão de Jesus. Uma das suas “filhas espirituais”, a Irmã Rosa Maria Teresa do Redentor Crucificado, monja do Carmelo de Vetralla (VT), aprendeu tão bem este ensinamento de Paulo que quis retratá-lo num quadro, embora não saibamos se ela própria o pintou ou se mandou alguém pintá-lo.

Na Primavera de 1758, ofereceu um quadro com o Menino Jesus na Cruz a Paulo, que o recebeu com “grande prazer”, percebendo que a religiosa tinha compreendido perfeitamente o seu pensamento e a sua espiritualidade, isto é, que a Paixão começa com a Encarnação. Paulo gostou tanto do quadro que o guardou no seu quarto e promoveu a sua devoção. Agradecendo à religiosa, escreveu: *“Apreciei muito no Senhor a caridade que Vossa Reverência demonstrou através do devoto e belo Menino, e gostaria de valer-me dos símbolos com os quais o adornou. Verdadeiramente, para*



repousar e dormir na cruz de maneira como o retratou, convém ser uma criança inocente, simples, aniquilada, passando pela morte mística de tudo o que não é de Deus, com um total abandono e perfeitíssima resignação no seio amabilíssimo do Sumo Bem." (Lett. III, 8 abril 1758)

Dois anos depois de ter recebido o quadro do Menino Jesus "deposto" na Cruz, Paulo ofereceu-o a uma mulher que orientava espiritualmente e que sofria de uma grave doença, dizendo: *"Contemplando o Menino Jesus que dorme na cruz, deve aprender a dormir interiormente na cruz do sofrimento, em doce silêncio, na fé e perseverar na paciência."*

Paulo procurou ajudá-la a transformar o sofrimento em graça e encorajou-a a aceitar a cruz da doença para que esta se tornasse num meio de autoconhecimento e de maturidade humana e espiritual. De facto, Paulo da Cruz, via toda a vida de Cristo, do berço ao Calvário, à luz da Paixão. O mistério do Verbo Encarnado é iluminado pelo mistério da Paixão. Para ele, o Natal não era só um evento histórico da Encarnação, celebrado como ato supremo do amor de Deus; aquela noite de Belém recordava-lhe um Menino deitado na cruz. Nesta imagem, Paulo contemplava o Verbo que assumia a natureza humana sem qualquer conforto, como uma vítima destinada à morte. As suas cartas escritas durante a época natalícia mostram como ele

compreendeu e viveu o mistério da Encarnação.

No Natal de 1761, Paulo escreve a outra monja do Carmelo de Vetralla, a irmã Maria Angela Cencelli: "Gostaria que Vossa Reverência celebrasse o santo Natal no pobre estábulo do seu coração, onde nascerá espiritualmente o doce Jesus. Apresente este pobre estábulo a Maria Santíssima e a São José, para que o adornem de virtudes, para que o doce Menino possa estar bem ali. Há alguns anos - cerca de quatro - eu tinha um bonito Menino, pintado numa folha da Alemanha, que dormia serenamente numa cruz. Oh, quanto eu gostava deste símbolo! Dei-o a uma pessoa crucificada (...). Eu queria, como também lhe desejo, que aquela alma fosse pequenina em pureza e simplicidade, dormisse na cruz do doce Jesus.

O quadro representa o Menino Jesus a dormir na cruz. Ao longo de um

dos lados da Cruz encontra-se uma inscrição em latim de um versículo bíblico do Cântico dos Cânticos, 5,2: "Ego dormio, sed cor meum vigilat" (Durmo, mas o meu coração está vigilante). Também neste caso, no processo de canonização, o P. Giuseppe Vigna (de Santa Maria) (PRO 1437v) descreveu os objetos que Paulo tinha no seu quarto no momento da sua morte, entre os quais este quadro. Disse: "à direita, um pequeno quadro, com cerca de dois palmos de largura, representando o Menino Jesus que dormia na cruz, (...) o Servo de Deus, ora olhava para o grande crucifixo com olhar amoroso e se inflamava de amor, ora olhava para o Menino que dormia na cruz e encorajava a sofrer todos os incômodos, que sofria por amor ao objeto que amava (...) no entanto, não podendo dar-lhe sangue por sangue, dava-lhe, pelo menos, lágrimas de amor".



Detalhe da morte de São Paulo da Cruz de um altar portátil para o quarto, em bronze, realizado pelo artista Adelmo Cialone de Tivoli, em 1967.

2. A Capela



A) A cadeira

Trata-se de um dos objetos originalmente usados neste quarto e que ocupa um lugar de destaque nos últimos anos de vida do Fundador, sendo adaptado posteriormente às suas necessidades físicas. É também um objeto que as gerações posteriores dos Passionistas veneraram não só porque foi usado por Paulo durante a sua doença, mas também porque estava durante as suas experiências místicas neste convento.

Quando Paulo chegou a esta casa em 1773 era já idoso, 79 anos, e tinha grande dificuldade em caminhar. Por esta razão, a comunidade pensou

num tipo de cadeira que pudesse ser utilizada para o transportar dentro do convento e da Basílica e, em particular, até à sacristia original da Basílica. A grande cadeira de madeira, com assento e costas em pele, estava equipada com suportes metálicos em ambos os lados, nos quais eram inseridas travessas de madeira. Deste modo, as pessoas, sobretudo os irmãos enfermeiros, podiam levantá-la e levar Paulo para onde quisesse.

Historicamente, até às reformas da Regra Passionista e das diversas tradições que os religiosos observavam, todos os Retiros (conventos) da Con-



Aparição da Beata Virgem Maria e do menino Jesus a São Paulo da Cruz e a Rosa Calabresi.



Pequeno altar de madeira onde São Paulo da Cruz celebrou a eucaristia entre 1773 e 1775.

gregação estavam sob clausura, isto é, as mulheres não podiam entrar no Retiro para além da portaria. Consequentemente, quando Paulo queria encontrar-se com elas, em particular com as que se dirigiam a ele para a direção espiritual, deviam encontrá-lo na sacristia da Basílica.

Na época de São Paulo da Cruz a fachada da Basílica era diferente daquela que hoje vemos, fruto do restauro do Cardeal Spellman, titular da Basílica. O espaço entre as três colunas da esquerda e da direita era murado, formando compartimentos em ambos os lados. O compartimento do lado direito era a sacristia da Basílica (a atual sacristia foi construída em 1847). Uma

das mulheres que Paulo da Cruz ali encontrava para a direção espiritual era a jovem Rosa Calabresi (1743-1805). No seu testemunho para os processos de canonização de Paulo da Cruz, contou que, por diversas ocasiões, enquanto estava presente, Paulo levitava, isto é, levantava-se e pairava no ar, enquanto estava sentado nesta cadeira. Segue-se a descrição de um destes acontecimentos (PRO n.º 1979): *“Todas as vezes que tive a oportunidade de conversar com ele sobre questões que diziam respeito à minha alma, observei que se tornava tão fervoroso ao ponto de ficar estupefacto e fora de si, e muitas vezes tive o consolo de o observar, não só alheado dos sentidos, como também no ar com o corpo elevado da cadeira, a tal ponto de superar os braços da cadeira em que estava sentado, permanecendo neste estado cerca de uma hora, com os olhos voltados para o céu, fixos e imóveis, sem nunca pestanejar, com duas manchas vermelhas no rosto, e com as mãos, ora erguidas em forma de cruz, ora cruzadas sobre o peito, e com a cabeça rodeada de raios resplandecentes, pelos quais por vezes a minha vista se ofuscava ao ponto de não poder ter os olhos fixos no seu rosto.”*

B) O altar de São Paulo da Cruz

Junto ao quarto do Fundador encontra-se uma pequena capela situada por baixo da escadaria da torre sineira da Basílica. Enquanto o quarto habitado pelo nosso Santo sofreu muitas alterações e reestruturações, esta capela permaneceu em grande parte intacta. Aqui, num pequeno e rústico altar de madeira, Paulo rezava e celebrava a Eucaristia. Está semicoberto por um



Tudo ali transpirava santidade, nobreza e sacrifício. Senhor, como te agradeço por me teres enviado a esse lugar santo para a preparação da minha ordenação sacerdotal!”

C) A Imagem de Nossa Senhora das Dores

Na época do Fundador, esta imagem de Nossa Senhora das Dores encontrava-se sobre o altar, onde se encontra atualmente. O autor é desconhecido e não há informações sobre a sua história. O que se sabe com certeza é que Paulo rezava frequentemente diante desta imagem e tinha várias experiências místicas enquanto a contemplava. Paulo partilhou com Rosa Calabresi uma destas experiências, que ela narrou nos Processos da sua canonização (cf. PRO 2000v). Este é o seu testemunho: *“Um dia, depois da Eucaristia, estando eu em ação de graças, senti que me chamava a imagem de Nossa Senhora das Dores, que eu tinha no meu altar em Roma, e pareceu-me vê-la. Depois, vi visivelmente a Virgem Santíssima com a espada cravada no peito e lágrimas nos olhos. Deu-me a conhecer as suas dores com palavras que teriam partido as pedras; e disse-me, em particular, que as suas dores foram atroztes por causa do grande amor que tinha pelo seu filho, e da grandeza incomparável do seu espírito, capaz de um mar de dores. Roguei a Maria Santíssima que me fizesse conhecer a causa da sua agonia durante a Paixão do seu filho. Respondeu-me que o maior sofrimento que lhe trespassou o coração foi terem difamado o seu filho, acusando-o de ser enganador, e culparem-no de ter dado má educação.”*

vidro e pode ser visto debaixo da toalha do altar, no lado direito. A pedra do altar, no centro do altar, ostenta uma inscrição pouco visível que atesta que São Paulo da Cruz celebrou a eucaristia neste altar, neste compartimento dos Santos João e Paulo em Roma. O painel frontal foi provavelmente um acrescento posterior à sua morte.

Uma nota histórica: Para além de São Paulo da Cruz, de muitos Passionistas e de muitos sacerdotes diocesanos terem celebrado Missa neste altar, também o jovem seminarista Angelo Roncalli, o futuro Papa São João XXIII, rezou neste altar durante o retiro que aqui fez em preparação para a sua ordenação sacerdotal (de 1 a 10 de agosto de 1904). No seu livro, “Diário de uma Alma”, escreveu: “Perto do meu quarto ficava o quarto onde morreu São Paulo da Cruz. Ali, todas as tardes, celebrávamos a Santa Missa.

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE SÃO PAULO DA CRUZ

- Nascimento - Ovada, 3 de janeiro de 1694
- Batismo - Ovada, 6 de janeiro de 1694
- Alista-se no exército - 1716
- A grande visão - Castellazzo, 1720
- Tomada de hábito e fundação da Congregação - Alessandria, 22 de novembro de 1720
- Escreve a Regra da Congregação - Castellazzo, 2-7 de dezembro de 1720
- Início do seu apostolado - Castellazzo, Quaresma de 1721
- Primeira viagem a Roma - setembro de 1721
- Primeira presença no Monte Argentário - outubro de 1721
- Saída definitiva de Castellazzo - março de 1722
- Período em Gaeta - 1722-1723
- Período em Troia - agosto de 1723
- Autorização para reunir companheiros - Roma, 21 de maio de 1725
- Período no Santuário de Civita, Itri - maio-setembro de 1726
- Período no Hospital de San Gallicano - Roma, setembro de 1726
- Ordenação sacerdotal - Roma, 7 de junho de 1727
- Primeira Missa - Roma, 8 de junho de 1727
- Morte do seu pai, Luca Daneo - Castellazzo, 22 de julho de 1727
- Regresso definitivo ao Monte Argentário - fevereiro de 1728
- Primeira missão oficial - Talamone, dezembro de 1730
- Fundação do primeiro convento - Monte Argentário, 14 de setembro de 1737
- Primeira aprovação da Regra - 15 de maio de 1741
- Profissão religiosa dos primeiros passionistas - 11 de junho de 1741
- Morte da sua mãe, Anna Maria Massari - Castellazzo, 10 de dezembro de 1746
- Morte do seu irmão, Venerável João Batista - Vetralla, 30 de agosto de 1765
- Aprovação solene da Regra e da Congregação - 23 de novembro de 1769
- Última visita oficial aos conventos da Congregação - 1770
- Fundação do primeiro mosteiro das Monjas Passionistas - 3 de maio de 1773
- Tomada de posse do Retiro dos Santos João e Paulo - Roma, 9 de dezembro de 1773
- Morte, Roma - 18 de outubro de 1775
- Beatificação - 1 de maio de 1853
- Canonização - 29 de junho de 1867



Cálice usado por São Paulo da Cruz
neste quarto para celebrar a eucaristia.

A Oração de um Peregrino Passionista

Deus, fonte de toda a graça e santidade, olhai com amor para nós,
vossos fiéis, que visitamos este lugar santo,
lugar de memória da história dos Passionistas
e das relíquias de São Paulo da Cruz.

Concedei-nos experimentar a “grata memória da Paixão”
para sermos, a exemplo de São Paulo da Cruz,
testemunhas do vosso amor presente no tempo e na história.
Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

